

gravando
m Filme
ziu a res-
você não
esário Ro
o mundo
Ao contrá-
da Guerra
a”.

Ator

Magnani, talento e formigas

Marta Góes

A interpretação do ator Umberto Magnani para o personagem do indigenista Fontoura, em **Kuarup**, tem sido saudada como um dos poucos bons desempenhos do filme. Mas, na véspera da estréia nacional de **Kuarup** e a uma semana de sua apresentação no festival de Cannes, Magnani admite, um pouco a contragosto, uma infernal ansiedade.

“Tenho mais prática em estréia de teatro”, explica. É verdade que para ele não seria difícil disfarçar o nervosismo. Bastaria acionar um pouco do enorme talento de ator que ele usa, ora em personagens principais, no palco — como em **O Santo Inquérito**, **Lua de Cetim** e **Às Margens da Ipiranga** —, ora para transformar pequenos papéis em grandes interpretações. Como fez com o cego Borromeu, na série **Grande Sertão, Veredas**, ou como chefe do escritório, Raimundo, no filme **A Hora da Estrela** (“O senhor é um pai para mim, seu Raimundo”, repetia Ihe Macabéia).

Formado pela EAD em 1967, ganhador de um Molière e indicado para todos os prêmios de interpretação existentes no País, Umberto Magnani é, aos 44 anos, um rosto pouco conhecido do grande público. Explica essa obscuridade um singular regime de trabalho, que o faz



Umberto Magnani

Itamar Miranda/AE

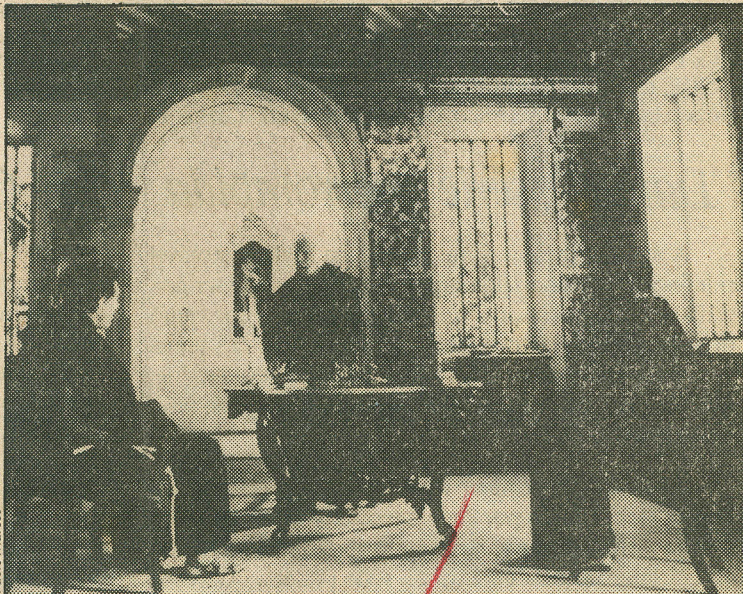
dedicar 80% de seu tempo útil a um emprego na Fundação e a aulas noturnas na Faculdade de Artes Alcântara Machado (Faam). “Só faço televisão nas férias e só posso participar de peças que sejam ensaiadas à noite”, explica. Para passar três meses e meio no Xingu, trabalhando em **Kuarup**, precisou tirar uma licença.

Mais do que a selva, os índios ou o acampamento, ele se surpreendeu com a experiência de dedicar toda a atenção a um único trabalho. “Já que eu estava só por conta disso, fiquei superexigente”, recorda. Entre outras lições dessa temporada silvestre, ele aprendeu que os índios são mais parecidos com os demais brasileiros do que se costuma pensar. “Alguns são muito chatos”, lembra. Outros, porém, foram providenciais para o seu desempenho (e até para a sua sobrevivência), arrancando um a um os ferrões de cerca de duas mil formigas que passearam sobre seu corpo em uma das cenas. O único desconforto que ele precisou tolerar nessa provação foi uma formiga enroscada nos cílios, num momento crucial da filmagem em que devia parecer morto.

Umberto Magnani adorou fazer **Kuarup**, porque tem especial predileção por trabalhos que falam da realidade brasileira, mas, para aceitar um papel, reconhece que não tem hoje os mesmos critérios do começo da carreira. “Éramos mais maniqueístas. Tudo tinha de ter mensagem social”, diverte-se. Gostar ou não do trabalho é hoje o seu principal critério, suficiente, por exemplo, para fazê-lo recusar um convite para um bom papel numa comédia bem escrita. “O tema era Aids. Eu não ia conseguir achar graça”, diz.



Magnani: discussão durante o ritual



No seminário: ao centro, Dionísio de Azevedo

Paulo Marcos